

TIA CLOTILDE

Ninguém pense tratar-se de parente minha, nem mesmo por afinidade. Quando a encontrei, em distante comarca, já era assim conhecida há algum tempo. Segundo relatou-me velho morador, ao ser chamada de “tia” pela primeira vez, indignou-se e armou tremendo bafafá, o que serviu para que o epíteto pegasse de vez. Lembro-me de que também eu não gostei nem um pouco quando, já faz bom tempo, sorridente caixa de supermercado chamou-me de “tio”, mas hoje sou, com muito orgulho, o “vô” de muitas delas e até brinco com um “Deus te abençoe minha neta”...

Não imaginava pudesse reencontrá-la depois de tantos anos, mas através dos mágicos caminhos da internet, que ao menos para isso são de grande utilidade, logrei saber que a inefável Tia Clotilde mora atualmente no interior da França, onde, além de “conselheira espiritual”, ministra aulas aos locais que desejam aprender português. Eu já sabia, é bem verdade, que ela é versada no idioma de Rousseau, além de conhecer igualmente, em razoável medida, um pouco de italiano e de inglês. Mas que tivera a ousadia de se mudar para país que pouco conhecia, sozinha, apenas com a cara e a coragem, nem de longe imaginava.

Tia Clotilde apenas se lembrou de mim quando me referi à briga entre ela e uma desafeta, em plena praça pública, com direito a tapas e puxões de cabelo, e que acabou em meu gabinete. Ela ainda quis argumentar que naquele caso tinha toda razão, mas não a deixei continuar, explicando que estava tudo prescrito e não valia a pena dar sequência à discussão. O que me interessava, na medida em que a via como pessoa assaz interessante, era saber das peripécias de sua radical mudança para a França, os tropeços que enfrentou, como os superou e quais os planos futuros. Aí ela se abriu comigo, e até mesmo derramou esquivas lágrimas em alguns momentos.

Chegando à França, depois de enfrentar as dificuldades todas para obtenção do visto de permanência, as

poucas economias que tinha logo foram minguando, a tal ponto que em pouco tempo não teria como pagar o aluguel do modesto quarto em que vivia nos arredores de Paris. Salvou-a a morenice tropical que ainda trazia do verão brasileiro e que despertou a atenção do viúvo que a viu choramingando em banco de jardim e se compadeceu dela. Bastaram, então, alguns encontros para que as relações entre os dois se estreitassem, a ponto de parecerem velhos conhecidos. Daí para a mudança para o interior da França, longe do bulício estressante da capital, foi um passo.

Com seu endereço eletrônico em mãos e aproveitando para exercitar meus conhecimentos de francês, resolvi, assim que o decreto sobre a posse de armas foi editado no Brasil, testá-la com pedido de aconselhamento para questão que me preocupa sobremaneira: - *“Tante Clo”* (é assim que ela é conhecida na França), *se eu tiver que enfrentar, com prosaico revólver, bandido com arma de grosso calibre, que devo fazer?.* A resposta surpreendeu-me. - *Não espere que isso aconteça, seu doutor. Trate de comprar uma AK47 Kalashnikov nos Estados Unidos...*

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com